

do pessoal da casa a indiferença que sinto em relação aos assuntos da propriedade. A boa e severa educação que devo ao meu saudoso pai, e o hábito, adquirido cedo, de não deixar nenhuma hora do dia por preencher, são, ao que me parece, as únicas coisas que me permitem dar à minha vida exterior um sustentáculo suficiente e manter a aparência que convém à minha condição e à minha pessoa.

Estou a reconstruir uma das alas da casa, e de vez em quando lá vou conversando com o arquitecto sobre os progressos do seu trabalho; vou administrando as minhas propriedades, e os meus caseiros e funcionários achar-me-ão talvez um pouco mais lacónico, mas nunca menos compreensivo do que antes. Nenhum dos homens que, de boné na mão, vejo à porta de casa quando passo a cavalo ao fim da tarde, imagina que o meu olhar, que estão acostumados a retribuir de forma respeitosa, se passeia com uma nostalgia silenciosa pelas tábuas podres debaixo das quais eles costumam procurar, depois da chuva, as minhocas para a posta; que esse olhar mergulha através das grades da janela estreita no interior abafado da casa onde, a um

canto, a cama baixa com lençóis de cor parece sempre esperar por alguém que vai morrer; ou que há-de nascer; que os meus olhos se demoram nos cães jovens e feios ou no gato que se esgueira, coleante, por entre vasos de flores partidos; e que esse olhar busca, sob todos esses objectos pobres e grosseiros, espelho de uma vida rústica, aquele cuja forma discreta, ali abandonado, aquele cuja essência muda possa tornar-se a fonte daquele êxtase enigmático, sem palavras e sem limites. Pois o meu sentimento de felicidade inominável virá mais facilmente de uma fogueira de pastores distante e solitária do que da contemplação do céu estrelado; mais do cantar de um último grilo que já sente a morte no vento outonal que empurra as nuvens de inverno sobre campos desértos do que do eco majestoso de um órgão. Muitas vezes, em pensamento, me comparo àquele Crasso, o orador, de quem se conta que amava acima de tudo uma moreia domesticada que tinha num lago do jardim, um peixe sem brilho, de olhos vermelhos e mudo, e que toda a cidade falava disso; e quando um dia, no Senado, Domício o acusou de ter chorado a morte do peixe, procurando assim

Uma Carta - A Carta de Lord Chandos (2012)

Trad. e posfácio: João Barrento

Belo Horizonte: Chão da Feira